

OFICINA DE MÚSICA NO AUTISMO:

ENCONTROS AUTÊNTICOS E DIFERENÇA HUMANA

¹ Prof. Adjunto de
Neuropsiquiatria Infantil
Departamento
Materno-Infantil - UFF

Stephan Malta Oliveira¹
Luísa Azevedo Damasceno²
Nathalie Emannelle Hoffman³

Letícia Azevedo Damasceno⁴
Cecília Albuquerque Reynaud Schaefer⁵
Alba Cristina Martins da Silveira⁶

² Universidade Federal
Fluminense - UFF
Doutoranda em
Psicologia - UFF

³ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Psicóloga formada
pela UFF

⁴ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Estudante de
Psicologia - UFF

⁵ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Psicóloga formada
pela UFF

⁶ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Estudante de
Medicina - UFF

RESUMO

O objetivo do presente artigo consiste em apresentar um projeto extensionista desenvolvido na Universidade Federal Fluminense - Projeto Tambores, Cordas e Cantos Plurais - bem como em discutir alguns pressupostos que o fundamentam. O Projeto consiste em uma oficina de música voltada para crianças com autismo, a qual se baseia na técnica da interação e improvisação musical, ou seja, em uma interação que se dá por meio do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais, tendo por objetivos promover o bem-estar, melhorar a qualidade de vida e possibilitar a abertura da criança ao mundo bem como o aumento de sua potência vital, favorecendo a manifestação de suas potencialidades. O Projeto se fundamenta na musicoterapia de improvisação, na filosofia do encontro, de Martin Buber e Emmanuel Lévinas, e no paradigma da neurodiversidade., o qual reconhece o autismo como uma diferença e não como uma doença. O trabalho tem cumprido com seus objetivos, no sentido da construção de uma prática interdisciplinar, que integra docentes, profissionais e discentes de várias áreas, bem como possibilitado a construção de encontros autênticos com as crianças, reconhecendo-as em sua unicidade e incomparabilidade, em sua forma única de existir, contribuindo para a valorização da diferença humana.

Palavras-chave: autismo, oficina de música, filosofia do encontro, neurodiversidade, diferença humana

ABSTRACT

The aim of this article is to present an extension project developed at the Fluminense Federal University – Tambores, Cordas e Cantos Plurais Project - as well as to discuss some assumptions that underlie it.

The Project consists of a music group aimed at children with autism, which is based on the technique of musical interaction and improvisation, that is, an interaction that takes place through the free and improvised use of musical instruments, with the aim of promoting the well-being, improve the quality of life and enable the opening of the child to the world as well as the increase of their vital potency, favoring the manifestation of their potential. The Project is based on improvisational music therapy, on the philosophy of encounter, by Martin Buber and Emmanuel Lévinas, and on the paradigm of neurodiversity, which recognizes autism as a difference and not a disease. The work has fulfilled its objectives, in the sense of building an interdisciplinary practice, which integrates teachers, professionals and students from various areas, as well as enabling the construction of authentic encounters with children, recognizing them in their uniqueness and incomparability, in its unique way of existing, contributing to the enhancement of human difference.

Key-words: autism, music group, philosophy of the encounter, neurodiversity, human difference

BREVE HISTÓRICO

O projeto “Tambores, Cordas e Cantos Plurais” consiste em um projeto de extensão realizado na Universidade Federal Fluminense que inclui uma oficina de música voltada para crianças que apresentam dificuldades na interação social e na comunicação, categorizadas dentro do espectro autista, segundo o DSM-5 (APA, 2014). A oficina consiste em uma musicoterapia de improvisação em grupo, fundamentada nos referenciais da filosofia do encontro, de Martin Buber e Emmanuel Lévinas, e no paradigma da neurodiversidade.

A ideia de “cantos plurais” diz respeito à valorização das múltiplas formas de existência e comportamento humano, sem valorizar algumas dessas formas em detrimento às demais, ou seja, sem estabelecer hierarquias entre seres humanos, como o faz o “ideal normalizador” que, ao separar os “normais” dos “anor-

mais”, segrega, exclui e reforça o capacitismo, que é o preconceito contra as pessoas com deficiência, segundo o qual o valor de um ser humano é dado por suas capacidades físicas ou mentais, performances e produtividade, e não intrínseco ao próprio ser.

Outro importante ponto a se considerar é o fato de o projeto oferecer uma abordagem terapêutica não farmacológica para crianças, podendo ser complementar ou mesmo substitutivo à psicofarmacoterapia, contribuindo desta maneira para a redução do uso indiscriminado de psicotrópicos na infância e de seus consequentes riscos, mais especificamente no autismo, dentro da lógica da prevenção quaternária (TESSER, 2012). Além disso, ao conceber a variabilidade natural das múltiplas formas de existência humana, objetiva-se contribuir para processos de desmedicalização, bem como para o reconheci-

mento e valorização da diferença, singularidade e diversidade humana.

OBJETIVOS

Os objetivos gerais do projeto consistem em promover o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida dos participantes assim como a abertura da criança ao mundo e o desenvolvimento de sua potência vital, por meio do estabelecimento de encontros autênticos, respeitando-se a singularidade e alteridade de cada uma. Além disso, busca-se construir uma prática de produção de vida e sentido, de cuidado e responsabilidade com o outro em situação de vulnerabilidade, de respeito e valorização da diferença humana. Compreende-se os sujeitos participantes mais em termos das múltiplas possibilidades de existência do que propriamente em termos de doença/patologia, sem deixar de reconhecer o pathos, em seu aspecto etimológico, que remete ao sofrimento psíquico e não se reduz à noção de doença, presente nas formas autísticas de ser-no-mundo.

Parte-se do pressuposto de que, criando-se encontros autênticos com os participantes e promovendo práticas de produção de vida e sentido, que aumentam a potência vital, haja uma facilitação para o desenvolvimento secundário das potencialidades cognitivas, sociais, emocionais, psicomotoras e comunicativas das crianças, ou seja, de seu desenvolvimento integral.

METODOLOGIA

A oficina de música destina-se a crianças com até dez anos de idade, com dificuldades na interação social e na comunicação,

sendo composta por até sete crianças. Por estar vinculado a outros projetos de pesquisa e extensão da UFF, o projeto conta com uma equipe interdisciplinar formada pelo coordenador, estagiários/as de psicologia e medicina, monitores e profissionais voluntários/as da saúde ou educação. Busca-se valorizar o trabalho de mediação feito por cada técnico, no sentido de facilitar a interação entre as crianças, bem como a exploração do ambiente por elas. Os familiares também participam ocasionalmente da atividade, de acordo com as demandas e particularidades de cada paciente.

A oficina de música consiste em uma musicoterapia de improvisação, baseada na técnica da interação musical, segundo a qual as crianças se expressam entre si e juntamente com os demais técnicos, por meio do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais. São utilizados instrumentos de corda (violão, cavaquinho), de percussão e sopro, além de reco-reco e chocalhos, entre outros. O projeto é avaliado por meio de relatos dos familiares, da observação do paciente e de relatos dos próprios técnicos que, ao término de toda atividade, discutem o funcionamento da oficina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Musicoterapia de improvisação

Um elemento de grande importância, que se encontra presente nas trocas afetivo-comunicativas primárias, é a chamada musicalidade comunicativa. Este termo foi cunhado por Stephen Malloch (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009) e é definido como a capacidade humana inata para a produção e apreciação

musical. Tal noção se fundamenta na similaridade entre os elementos presentes na comunicação humana e na música, como os elementos de ritmo, tempo, intensidade, tonalidade e mesmo o silêncio.

Este fenômeno confere significados afetivos às trocas interativas humanas e possibilita, conseqüentemente, a emergência dos significados semânticos. É a partir dos ritmos, pulsos temporais, intensidades e tonalidades, ou seja, das formas de vitalidade presentes nos processos interativos e intersubjetivos (STERN, 2010), que as trocas comunicativas são possíveis. Há vários estudos que comprovam a eficácia da musicoterapia de improvisação no autismo (KIM, WIGRAM e GOLD, 2008; OLIVEIRA e LAMPREIA, 2017).

Filosofia do Encontro

Consideramos esta nomenclatura, “filosofia do encontro”, bastante apropriada para agrupar a obra destes dois grandes pensadores do mundo ocidental: Martin Buber e Emmanuel Lévinas, uma vez que ambos enfatizam, cada um a seu modo, a importância da construção de encontros autênticos para a realização do ser humano.

Buber (1982) mostra que as relações interpessoais podem ser caracterizadas por relações eu-tu, ou seja, pessoa-pessoa, ou por relações eu-isso, pessoa-objeto. O genuíno encontro autêntico, para Buber, é o encontro entre o eu e o tu, no qual o outro ser humano é compreendido como uma presença, com quem eu entro em relação, reconhecido em sua unicidade e incomparabilidade, em seu modo único de existir. Por outro lado, as relações eu-isso são aquelas em que o outro ser humano

é um objeto de minha representação, sendo, portanto, objetificado, coisificado.

Lévinas (2005) segue o caminho traçado por Buber na formulação do que vem a ser os encontros autênticos, face-a-face, inter-humanos. Segundo o pensador franco-lituano, somos convocados a nos responsabilizar pela alteridade, em sua diferença radical, qualquer que seja esta diferença (OLIVEIRA et al, 2021). E é justamente a criação de encontros autênticos, por meio do cuidado e da responsabilidade pelo outro, sobretudo por aquele que se encontra em situação de maior vulnerabilidade, que possibilita a realização do ser humano bem como sua humanização; ou seja, o tornar-se humano. Lévinas (2005) afirma ainda que qualquer tentativa de compreensão totalizante do ser, de reduzir a alteridade radical em sua totalidade à representação do eu, como o faz a ontologia, de comparar aquele/a que é incomparável, consiste em uma violência contra a alteridade; que anula sua diferença radical. Nós devemos, na verdade, sustentar o caráter inassimilável e inapreensível, o mistério que o outro representa.

Na oficina de música, buscamos justamente criar encontros autênticos com as crianças, por meio do cuidado e da responsabilidade por elas, de uma abertura mútua que se dá através da interação musical, respeitando seu modo de ser, sua singularidade, sempre tomando cuidado para que a nomenclatura diagnóstica não se sobreponha à unicidade de cada uma delas, para que a riqueza e a beleza de sua singularidade não sejam reduzidas à identidade rígida do diagnóstico, ou seja, para que as relações Eu-Issos não se sobreponham às relações Eu-Tu.

O paradigma da Neurodiversidade

O termo neurodiversidade foi cunhado pela socióloga australiana e autista, Judy Singer, no final dos anos 90. Este termo se refere a uma conexão neurológica atípica (atypical neurological wiring) em virtude da variabilidade natural do genoma humano, que, por sua vez, resulta em uma variabilidade natural do funcionamento neuronal (ORTEGA, 2008). Os ativistas do movimento da neurodiversidade defendem que o autismo não é uma doença, algo a ser curado, mas uma diferença e identidade, que deve ser respeitada.

Segundo o ativista autista e psicólogo Nick Walker (2013), no paradigma da neurodiversidade, as variações na configuração e no funcionamento dos cérebros humanos devem ser vistas como formas saudáveis, valiosas e naturais da diversidade humana. Como afirma o educador canadense Thomas Armstrong (2012), não há algo como um “cérebro ideal” em torno do qual todos os demais devam ser comparados.

Este movimento opera segundo o mesmo lema dos movimentos da deficiência: “nothing about us without us” (“nada sobre nós sem nós”), fazendo com que os sujeitos autistas se tornem protagonistas nas decisões acerca de sua própria condição. Trata-se de um movimento criado, sobretudo, por autistas considerados de “alto funcionamento”, verbais. No entanto, alguns autistas não verbais, que se comunicam pela escrita, também aderem ao paradigma da neurodiversidade, como são os casos de Amy Sequenzia e Ido Kedar.

O movimento da neurodiversidade é também conhecido como movimento anti-cura,

por defender a ideia de que “cura pressupõe doença”, o que não seria o caso. Integrantes do movimento criticam o que chamam de modelo médico do déficit, da tragédia, que enfatiza aquilo que “falta” na pessoa autista e não suas potencialidades; defendem, ao mesmo tempo, que o binômio doença/cura, quando levado às últimas consequências, resulta em práticas e políticas eugênicas, por considerar algumas formas de vida menos legítimas, com menos valor, que outras. O resquício do pensamento eugenista, nos dias atuais, se dá no capacitismo (DIAS, 2013), fortemente presente no discurso médico, no qual a ideia de “defeito e anormalidade” é tomada como verdade incontestável e não como social e historicamente construída. Tal pensamento acaba permeando o imaginário do senso comum e contribuindo para práticas preconceituosas e discriminatórias efetuadas contra as pessoas autistas e com deficiência em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma prática interdisciplinar, observa-se que este projeto vem possibilitando a construção de um espaço de trocas de experiências entre alunos e profissionais, constituindo-se como uma ação extensionista de caráter dialógico interdisciplinar - integrado horizontal (diferentes cursos e áreas) e verticalmente (alunos da graduação, pós-graduação, profissionais e docentes).

Com relação às crianças, tem-se verificado, a partir dos relatos dos responsáveis e da própria observação pelos técnicos participantes da oficina de música, que os pacientes, de modo geral, têm apresentado um ganho qualitativo na interação, havendo um aumento

na expressividade emocional, por meio do contato visual e sorriso responsivo, bem como no engajamento das crianças com outras pessoas e na exploração do ambiente. Além disso, tem-se conseguido o estabelecimento de vínculos significativos com as crianças e, em muitas situações, a construção de encontros autênticos, por meio do cuidado e da responsabilidade para com elas, contribuindo para sua abertura ao mundo/ao outro bem como para o aumento de sua potência vital.

Ressalta-se, por fim, a importância de práticas como esta no campo da saúde/saúde mental que, por um lado, se apresentem como alternativas às práticas biomédicas e aos discursos reducionistas, vinculados à medicalização/psiquiatrização da vida, e por outro, ofereçam uma compreensão do ser humano em sua diferença radical, valorizando as múltiplas formas de existência e comportamento humano.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014

BUBER, M. Do diálogo e do dialógico, tradução de Marta Queiroz e Regina Weinberg, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982

DIAS, A. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPCD/ Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013

KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. The Effects of Improvisational Music Therapy on Joint Attention Behaviors. In: Autistic Children: A Randomized Controlled Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 38, n.9, p.1758-1766, 2008.

LÉVINAS, E. Entre Nós. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. MALLOCH S.; TREVARTHEN, C. Musicality: Communicating the vitality and interests of life. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C (Eds.). *Communicative Musicality: exploring basis of human companionship*. Oxford University Press, 2009.

OLIVEIRA, S. M. e LAMPREIA, C. Intervenção no Autismo baseada na Musicoterapia de Improvisação e no Modelo Dir-Floortime. *Revista InCantare | Curitiba | v. 8 | n. 1 | p. 1-156 | jan./jun, 2017.*

OLIVEIRA, S. M.; DAMASCENO, L.A.; HOFMANN, N.E.; DAMASCENO, L.A.; SCHAEFER, C.A.R.; SILVEIRA, A.C.M. Música, autismo e diferenças: a representação como violência em Lévinas e Deleuze. *Childhood and Philosophy*, v. 17, p. 1-18, 2021.

ORTEGA, F. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v.14, n.2, 2008.

STERN, D. *Forms of Vitality*. Exploring Dynamic experience in psychology, arts, psychotherapy, and development. Oxford: Oxford University Press, 2010, 174p.

TESSER, C. D. Prevenção Quaternária para a humanização da Atenção Primária à Saúde. *O Mundo da Saúde*, São Paulo; v. 36, n. 3, p. 416-426, 2012. WALKER, N. "Neuro-What?" Neurocosmopolitanism. Nick Walker's Notes on Neurodiversity, Autism and Cognitive Liberty, 2013. Consultado a 31/03/2017, em <http://neurocosmopolitanism.com/neuro-what/>